



Aurora

Jonas Daggadol

Analista de Sistemas

Autor de contos, crônicas, poemas, quadrinhos e roteiros de curta-metragem premiados no Brasil e exterior

– Entendo que seja difícil.

Aurora não conseguia tirar os olhos do chão, apesar de sua educação exigir o contrário.

– Por favor, procure passar mais tempo com ele, acompanhar seu desempenho na escola e, principalmente, saber com quem anda.

A dona da casa gostaria de dizer que sim, que o pegaria na escola todos os dias, que sentariam juntos à mesa para fazer a lição de casa, que não soltaria sua mão até que pudesse caminhar sozinho e seguro.

– Sei que seu filho é um bom garoto, mas... ajude-me, para eu poder ajudá-la. A moça levantou-se e pediu um visto numa folha – Não aguento mais perder crianças para o crime. – concluiu com um suspiro, comprobatório de sua sinceridade.

Despediram-se. Aurora observou a assistente social sumir por degraus tortuosos. Fechou a porta. Pegou sua bolsa, separou algumas moedas e as colocou ao lado do retrato do filho. Admirou o sorriso pueril enquanto digeriu as palavras da indesejada e necessária visitante. Calculou que não a encontraria pelo caminho, trancou a casa e desceu por becos estreitos. Precisava chegar logo ao asfalto.

Imersa em seus pensamentos, deu por si ao sentir o corpo prensado contra a catraca. O ônibus, lotado como sempre, chacoalhava a carga viva. Pagou a passagem e buscou por um canto menos cheio, sem sucesso. Recostou-se em um apoio e submergiu novamente.

Lembrou-se das tentativas de mudança no horário de trabalho. Da proposta para redução da carga e salário. Da sugestão de troca do domingo de folga por um dia útil com o filho. Tudo por nada, a calvície do empregador era impenetrável.

Neste exercício de memória, apertou um gatilho doloroso. Vieram à tona os primeiros anos. As exigências descabidas. O assédio. A humilhação. Com a visão embaçada pela carência, não percebeu as negociatas em que se envolveu: o amor-próprio em troca de latas de leite e a dignidade penhorada eternamente como garantia do aluguel. A aparente solução concretizou os seus problemas.

Uma pisada no pé trouxe-a de volta à realidade. Pediu licença, como se fizesse diferença. Com dificuldade, desceu do ônibus e adentrou a estação. Vencera metade do percurso.

Alguns segundos na plataforma foram suficientes para reabsorvê-la. Diante dos olhos perdidos, cacos voavam para todos os lados. A partida escandalosa da patroa, a despedida silenciosa dos filhos. O pouco que amenizava sua penosa convivência com o patrão dissipara-se. E seu rebento crescia, assim como suas necessidades.

O trem chegou. Empurrada para o interior do vagão, agarrou a bolsa. Tão sufocada quanto acostumada, continuou o trajeto sem reclamações. Talvez uma: não poder prosseguir com a leitura do livro que o filho largara há dias sobre o televisor. Refletiu por um momento: será que houve também em sua vida cinco minutos determinantes?

Fitou um relógio. Cinco minutos, agora, não fariam a menor diferença. A assistente social levou mais tempo do que calculara e o patrão, apesar de previamente informado, vai ralar, desdenhar e humilhar; vai fazer o que quiser, como de costume.

Caminhando sob o sol, pensava apenas no filho, tática nada original para suportar o dia de labuta. Desviou-se de uma aglomeração barulhenta, passou por grandes letras pintadas no chão: O-H-C-A-L-U... Não se atentou ao restante. Seu coração apertado remoía as palavras da moça e previa as do patrão. Meteu-se no condomínio. Evitou algumas pessoas que conversavam no saguão principal e subiu pelo elevador de serviço. Parou defronte o apartamento. “Melhor morrer lutando do que de fome”, lembrou-se da avó. Abriu a porta com cuidado, pretendia escapar para a cozinha.

– Olha quem chegou! Dona Aurora Maria... Pensei que ia me deixar morrer de fome.

Aprendera com o tempo a não explicar ou argumentar.

– E o fedelho? O que aconteceu desta vez?

Não teve tempo de responder.

– Se fosse na minha época, tomava um cacete. Mas, hoje em dia, a juventude faz o que quer. Voltou-se para a sacada – Olha esse bando de desocupados aí na frente. Cadê a polícia para descer o porrete nesses vagabundos?

Aurora, travada a caminho da cozinha, formulava algo.

– Vai mulher! Vai fazer um café! Está pensando o quê? Que é enfeite pra ficar aí parada?

A empregada não se moveu. Procurava por coragem em suas entranhas.

– Apesar de que hoje você está bonita – analisou-a languidamente – Ah, se eu fosse mais novo... Ia te mostrar o que é bom.

– Sobre minhas férias... – balbuciou.

– Férias?! Você vai insistir com essa estória?!

– Preciso passar mais tempo com meu filho. A assistente social pediu...

– Quer tempo livre? Vou te dar todo o tempo do mundo! Aí sim você vai poder ficar com aquele delinquente o dia inteiro!

– Não, senhor. Eu preciso...

– Vai fazer meu café e para de me encher a paciência!

Aurora movimentou-se para atender ao pedido do patrão, não sem antes receber mais uma ordem:

– E desce com o lixo que esse apartamento está fedendo!

Café feito e patrão servido, Aurora retirou-se para cumprir a próxima tarefa. No elevador de serviço, esforçou-se para conter as lágrimas. O dinheiro das férias seria útil, mas nada comparável a um tempo com o filho. Numa das passagens para as lixeiras, deparou-se com um grupo em acalorada discussão, a qual mudou de rumo com sua presença.

– Aurora?! Você sabia?

– Por que nunca nos disse nada?

Atordoada, manteve-se calada.

– Calma, gente. Acho que ela nem está sabendo – deduziu o zelador, antigo funcionário do condomínio.

– Você não viu o movimento aí na frente? Seu patrão era um torturador na época da ditadura! – declarou uma moradora em tom alarmista.

– Vai queimar no inferno! – profetizou a moça de uniforme azul.

– Isso faz tempo, gente. Deixa o homem seguir a vida. – um dos seguranças liberou o vozeirão.

– Também acho. E quem vai saber se é verdade? Se ele foi mesmo um torturador.

– Eu não acredito! O homem parece ser do bem.

Parte do grupo tomava partido pelo segurança.

– Todo ano ele doa cesta básica para uma instituição.

– E dá caixinha de Natal pra nós – confessou um dos funcionários.

– Grande coisa! Vocês se iludem com esmolinhas! – esbravejou o zelador.

– Ei, olha como fala! – alguns se ofenderam com a acusação.

A doméstica contemplava os brados prós e contras. Não via razão para intervir; queria levar o lixo e ver o filho, nada mais. Decidiu realizar o possível no momento.

– Aurora! – o zelador imobilizou-a sem tocá-la – Ninguém aqui tem tanto contato com ele como você.

– Fala pra gente. O homem foi ou não foi um torturador? – o vozeirão concluiu a pergunta.

Sem poder largar os sacos de lixo, ponderou por um instante. Nunca se imaginou naquela situação: juíza, com o julgamento do patrão em mãos. Um pouco nervosa, medindo as palavras, iniciou:

– Não posso dizer que ele foi um torturador porque...

A turma do segurança vibrou. O zelador exigiu silêncio.

– Enterrar o passado não esconde o presente.

A maior parte do grupo fez cara de interrogação e tencionou um burburinho, prontamente interrompido:

– É isso aí. Agora deixem a moça trabalhar. E nós também.

Feliz por, enfim, poder se livrar do lixo, a Excelentíssima Juíza Aurora Maria seguiu as ordens do zelador que, com largo sorriso, explicava para os desentendidos o derradeiro veredito.

Quanto à sentença, aguardamos carecidamente.

DIVULGAÇÃO

www.ideographos.com.br

**VISITE A PÁGINA NA
INTERNET DA LOJA VIRTUAL
IDEOGRAPHOS**

